



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA**

ANDRÉIA LEODORO DE ANDRADE

ÉDIPO REVISITADO: a intertextualidade no livro *Contemas*

ARAGUAÍNA –TO

2018

ANDRÉIA LEODORO DE ANDRADE

ÉDIPO REVISITADO: a intertextualidade no livro *Contemas*

Monografia apresentada à disciplina de TCC do curso de licenciatura em Letras com habilitação e suas respectivas literaturas da Universidade Federal do Tocantins UFT – *Campus* Universitário de Araguaína como pré-requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Wandercy de Carvalho

**ARAGUAÍNA-TO
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A553 ◆ Andrade, Andréia Leodoro de Andrade.
ÉDIPO REVISITADO: a intertextualidade no livro Contemas. / Andréia
Leodoro de Andrade Andrade. – Araguaína, TO, 2018.
40 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2018.

Orientador: Wandercy de Carvalho Carvalho

1. Intertextualidade. 2. Mito. 3. Contemas. 4. Grécia Antiga. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ANDREIA LEODORO DE ANDRADE

ÉDIPO REVISITADO: a intertextualidade no livro *Contemas*

Monografia apresentada à coordenação do curso de licenciatura em Letras com habilitação e suas respectivas literaturas da Universidade Federal do Tocantins UFT – *Campus* Universitário de Araguaína como pré-requisito para obtenção do título de graduado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Wandercy de Carvalho

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Wandercy de Carvalho (Orientador)

Prof. Dra. Maria Eleuda de Carvalho

Prof. Msc. Danielle Mastelari Levorato

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que é o meu protetor, que rege meu viver e meu dia a dia, um guardião estimado que me dá força para lutar por meus objetivos e sonhos, e conquistar mais e mais aquilo que eu desejar.

À minha mãe, uma mulher guerreira que desde sempre esteve lutando por meu sucesso e me apoiando nessa trajetória árdua, sendo minha mentora, me auxiliando na vida acadêmica, nesta, que ela também está inserida, sua experiência foi um dos pontos cruciais para a evolução como ser acadêmico.

Ao professor, Dr. Wandercy de Carvalho, que desde o início lapidou minha adoração pela cultura Greco-romana, com suas aulas, na disciplina de Mito e Cultura, no auxílio para compreender sobre o surpreendente mito de Édipo. Projeto este que depois tornou-se base para a criação desta monografia. Agradeço-o com toda sinceridade, pela orientação e por ter dado crédito às minhas ideias iniciais.

Aos meus colegas de curso, pela empatia em ajudar nessa caminhada longa e exaustiva. Estamos no mesmo patamar, ao chegarmos juntos ao fim dessa jornada, sem deixarmos de oferecer auxílio, companheirismo e união.

À professora, Dra. Valéria da Silva Medeiros, por ter me auxiliado nas horas que precisei sobre o tema, desde suas aulas, que, juntamente com às de Mito e Cultura, foram a luz para a criação desta monografia.

Aos demais professores do colegiado do curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), *Campus* de Araguaína, por toda dedicação e compromisso com esta ação de formar professores. Todos, de alguma forma, contribuíram para a minha evolução e preparação à docência.

Obrigada a todos!

RESUMO

Meu objetivo é identificar e descrever os diferentes ‘pontos de contatos’ entre dois textos sobre o mito de Édipo. A pesquisa será desenvolvida a partir do que é proposto por (KRISTEVA, 1969), (KOCH, 2007) *et al.* Inicialmente será feito o levantamento dos principais estudos sobre o tema. Em seguida, a partir da intertextualidade, serão identificados os pontos semelhantes e divergentes entre Édipo, de (SÓFOCLES, 2007), e o poema ‘O que é, que é?’ de (CARVALHO, 2014). O *corpus* é composto por esses dois textos que abordam o mito de Édipo. Os resultados demonstram que há semelhanças e divergências entre os dois textos em questão, fato este que faz perceber a importância do ‘diálogo’ entre a cultura greco-romana, por meio do mito de Édipo, marcando presença na literatura contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Mito, Cultura, *Contemas*.

ABSTRACT

This monograph will identify and describe the different 'points of contact' between two texts on the myth of Oedipus. The research will be developed from what is proposed by (KRISTEVA, 1969), (KOCH, 2007) et al. Initially will be done the survey of the main studies on the subject. Then, from the intertextuality, the similar and divergent points between Oedipus, from (SÓFOCLES, 2007), and the poem 'What is, what is' will be identified? of (CARVALHO, 2014). The corpus is composed of these two texts that address the myth of Oedipus. The results show that there are similarities and differences between the two texts in question, but the importance of the 'dialogue' between Greco-Roman culture, through the myth of Oedipus, is evident in contemporary literature.

Keywords: Myth, Culture, *Contemas*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	10
1.1 HISTÓRIA DO MITO (O início de tudo)	10
1.2 O MITO NA GRÉCIA ANTIGA (religião, moral, costumes)	12
1.3 O MITO NOS DIAS ATUAIS (referências míticas no contemporâneo)	14
CAPÍTULO II	17
2.1 História da Intertextualidade e Literatura Comparada	17
2.2 A Intertextualidade: Conceituação, História e principais Precursores.	19
2.3 Os tipos de Intertextualidade	23
2.4 Leitura e ativação de sentido na perspectiva de KOCH	25
CAPÍTULO III	28
De acordo com o que foi destacado acima sobre a intertextualidade, segui abaixo os textos que serão analisados	28
3.1 Mito de Édipo contada por Sófocles	28
3.2 O que é, O que é? (Poema do livro Contemas)	29
3.3 Intertextualidade aplicada às duas obras	30
3.3.1 Pontos de contato e pontos divergentes entre os dois textos	31
4. ANÁLISE DOS DADOS	34
4.1 as mais nítidas <i>distinções</i> entre os dois textos	34
5. CONCLUSÃO	39
6. REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como temática o mito de Édipo, escrito por Sófocles, em 413 a. C., e os conteúdos desse texto serão vinculados a outros, escrito em (2014). Dessa forma, por meio da intertextualidade, expor os vínculos de semelhanças e divergências entre esses textos não será uma atividade fácil, visto que elaborar monografia com estas estruturas requer cuidados e muita dedicação. Principalmente, pelo fato de que nela é necessário estar claras as respostas das seguintes interrogações relacionadas à justificativa para desenvolvê-la: Por quê? O quê? A quem?

Por que vou fazer esse trabalho?

Para responder uma hipótese sobre produção de textos vinculados aos textos clássicos. De igual modo, para identificar e descrever os diferentes ‘pontos de contato’ entre dois textos que abordam o mito de Édipo, e assim preencher um espaço carente de novos estudos envolvendo o teatro clássico e a poesia contemporânea.

O que esse trabalho traz de novo?

A certeza de que é necessário um contínuo processo de leitura dos textos clássicos, para que novos textos sejam elaborados a partir de uma fonte rica e ‘inspiradora’.

A quem esse trabalho beneficia? Beneficia não só o meio acadêmico e o seu atencioso público leitor, como também dedicados professores interessados em descobrir um ‘método’ para ensinar seus alunos a produzir textos. De igual modo, esse trabalho beneficia os futuros jovens poetas e escritores que precisam descobrir a importância de estudar os mitos e a literatura clássica, ocasião em que poderão despertar muitas ideias para escrever.

Desse modo, destaco o que foi desenvolvido nesta pesquisa por meio do processo qualitativo de investigação científica.

No primeiro capítulo, serão apresentadas noções sobre o mito e sua influência para o homem compreender o que se passava no mundo. De igual modo, destaco o que ele influenciava nas relações sociais da população. Ali estão as explicações dos ritos, a moral e a religião que eram usadas como instrumentos primordiais para o desenvolvimento de uma civilização que foi e ainda é considerada uma das mais influentes e poderosas da antiguidade.

No segundo capítulo, exponho alguns pontos sobre a Intertextualidade e sua antecessora, a Literatura Comparada. Na ocasião, apresento uma cronologia com o objetivo de mostrar e explicar as primeiras ocorrências da comparação na antiguidade. A explanação

passa por Aristóteles, no período clássico; por Voltaire, na idade média; e, finalmente, na contemporaneidade, ocasião em destaque a principal estudiosa acerca do tema, Julia Kristeva. Esta, que a partir dos estudos polifônicos de Bakhtin, criou o termo ‘intertextualidade’, o qual aborda as relações de um texto fonte, em um texto secundário.

No terceiro capítulo destaco a intertextualidade entre as duas obras em análise. Primeiramente, apresento uma pequena introdução geral sobre o mito. Em seguida, exponho a história do mito de *Édipo*, contada por Sófocles e a versão referenciada na obra *Contemas*, de Carvalho (2014).

No quarto capítulo, exponho os pontos comuns e divergentes encontrados em ambos os textos, ocasião em que destaco trechos e explico, não só a estrutura, como também os sentidos. As diferenças também serão enumeradas para a melhor compreensão do leitor. Ali, exponho as ocorrências utilizando o recurso da Intertextualidade.

Vale acrescentar que esta monografia é resultado de um trabalho elaborado por mim, quando, em 2017.1, participei da disciplina Mito e Cultura ministrada pelo professor Dr. Wanderley de Carvalho.

CAPÍTULO I

1.1 HISTÓRIA DO MITO (O início de tudo)

O Mito pode ser entendido como a representação e reflexo de concepções da mente e realidades que, juntas, levam em conta as origens do universo, e estas formam as diversas mitologias existentes. É por meio dessas verdades e compreensões que a consciência humana explica, assim, desde sua origem, a estrutura do universo. Seu ápice foi na Antiguidade, mesmo não sendo reconhecido como tal, é de extrema importância expor que o mito, na condição de fenômeno máximo e superior, teve impacto dentro da sociedade grega e determinou a sua adaptação à realidade, conforme os costumes e cultura.

Analisando dessa forma, é que será possível expor a importância do mito no mundo grego, para explicar como ele se desconecta da realidade, para particularmente, se tornar algo significativo a grande parte da população. Com essa explanação, será possível compreender a conectividade em que o mito estabelece com a realidade e como esse fenômeno e grupos que, de certa forma, encontram pontos de contato.

De acordo com ELIADE, no que se refere à definição de mito, é possível dizer:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie de vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. (ELIADE, 2010, p. 11).

Dessa forma, o mito é, para quem vive, um tipo de realidade, e para o mundo, algo que seja compreensível que dele se origina, algo que é indefinível. Os mitos configuram o início do mundo, em sua fase primordial, relata uma história sagrada, semelhante a uma espécie de criacionismo; propõe modelos e paradigmas, moldes de comportamento, esse molde envolve o homem num tempo que precede o tempo, explica uma história humana numa cronologia que não se pode dimensionar, define significações e os limites da consciência em sua totalidade existencial humana no mundo. O mito é um modo de narrativa, a qual introduz o ser humano à uma possível compreensão da realidade e dos acontecimentos. Para uma determinada civilização que vive o mito, ele é visado como algo absoluto e verídico, exposto numa

linguagem que mostra a origem do mundo, das coisas e do homem. As narrativas mitológicas reproduzem características criadoras e significativas, firmando uma realidade constituída.

Essa realidade mítica é sempre voltada para o cósmico, porque todas as coisas propostas por ele constituem um cosmos. Não é como se fosse algo desordenado e perdido. O cosmo mítico não é algo sombrio e desprovido de total clareza em sua realidade ontológica. É um mundo transparente, claro, harmonioso e coeso em sua unidade. A realidade é apenas uma, em sua consistência finalizada.

Trata-se da relação de causa e efeito, em como a análise do sobrenatural estava presente na natureza e na constituição dos fenômenos vividos. Explicando assim a existência dos fenômenos naturais, como a chuva, o vento, a vegetação, a maré. Dessa forma, além de perceberem a causa e efeito, também era incluído o desfavorável e o favorável.

Ao se ler a Poética, é possível distinguir três definições que Aristóteles propõe para o mito: uma forma tênue de intelectualidade; um modo de pensamento ou de vivência e que funciona como um instrumento de controle social; uma forma independente de pensamento.

Assim, o mito, no seu modo clássico, é visto como uma forma inferior do pensamento intelectual, ou seja, os gregos definem o mito como algo que tenha nexos com a verdade. Por este fato atribuído ao mito, que ele é levado a uma esfera religiosa e moral, essa atribuição acontece por causa da incapacidade de explicar de forma clara os valores que usam a religião e a moral, com isso fica mais claro provar sua validade por meio de raciocínio lógico. Dessa forma, usando desses dois elementos, o mito mostra ao homem como ter conduta de seus atos perante os deuses e seus semelhantes.

Vale ressaltar que a função do mito não é, primordialmente, explicar a realidade, mas confortar o homem em um mundo cruel e assustador. Para (ELIADE, 2010, p.12), uma das funções do mito é fixar exemplos de ritos, tributos e de todas as atividades do homem de caráter significativo. Na Grécia antiga, os mitos são de caráter sobrenatural, mostrava a preocupação com a origem divina da técnica, da origem divina dos instrumentos, da agricultura, das danças e desenhos, etc. Eles acreditavam que cada fenômeno desses era regido por divindades incumbidas para essas funções. Por exemplos:

Instrumentos (Hefesto, deus do fogo e das forjas); da agricultura (Deméter, que comandava as plantações); danças e desenhos (Apolo, deus do sol, das artes e da razão), a fertilidade das mulheres era atribuída à Afrodite (deusa do amor) ou a mãe divina, Hera (deusa do casamento e esposa de Zeus). E assim, explicavam a profunda relação entre o mito e a natureza.

1.2 O MITO NA GRÉCIA ANTIGA (religião, moral, costumes)

O mito, para os gregos, é o antecessor da filosofia. Foi o molde para o nascimento do pensamento filosófico. O mito foi o primeiro recurso usado para explicar a realidade na qual eles se encontravam. Os gregos viam no mito uma forma compreensiva da realidade baseada na demonstração de tudo aquilo que o homem deseja e teme. É uma narrativa, de certa forma, fabulosa que explica o começo de tudo, a origem das coisas, é algo que define e personifica o bem e o mal. O mito surge como uma válvula de escape, para a compreensão e definição de algo que passa a explicar e a acomodar o homem nesse mundo assustador.

Antes do surgimento dos estudiosos sofistas, a sociedade grega era basicamente religiosa, isto fica mais evidente com a diversidade de deuses que eles cultuavam. Na sociedade grega, homens e deuses tinham uma ligação bastante próxima. Para eles, os deuses eram definidos como um ser humano, tanto nas características físicas, quanto nas sentimentais. Eles podiam ser ciumentos, vingativos, ambiciosos, amorosos etc., a única coisa que diferia era a imortalidade. Esse ponto de vista grego em relação aos deuses influenciou muito a sociedade, eles temiam o que uma divindade poderia fazer, por meio de castigos que poderiam ser para determinado reino e população, para externar respeito aos deuses, eram feitos rituais demonstrando respeito e devoção. Todos acreditavam que os deuses residiam no monte Olimpo, nos céus, e, como foi explicado, a relação dos deuses e homens era tão íntima, que algumas vezes, um deus descia à Terra e se relacionava sexualmente com um ser humano, um exemplo, Zeus que ao se relacionou com a mortal Alcmena, e acabou deixando um fruto, um semideus chamado Hércules.

Com o surgimento da Filosofia que se originou na Grécia, o mito foi perdendo a sua força, e todas aquelas explicações para o início de tudo, perdeu sua importância, porque os filósofos primeiros estavam empenhados em descobrir a *arché*¹, o início do que teria dado existência ao mundo, usando dessas novas definições, foi dessa forma que esses filósofos tentaram uma nova forma de explicação para a origem do mundo. Aos poucos, os gregos iam descartando o ponto de vista mítico para a explicação da origem do mundo em que viviam. De forma racional, os filósofos começaram a questionar essa relação do homem com seus deuses, mostrando assim que não haveria como esses deuses serem semelhantes aos homens.

¹Termo que os filósofos pré-socráticos usaram para caracterizar o início de tudo, a procura para a substância inicial.

Aos poucos, o mito vai perdendo sua relevância com os sofistas. Inicialmente, o mito era visto como uma narrativa extraordinária e tradicional que era agradável para seus ouvintes, que uniam certos grupos de pessoas em uma comunhão espontânea. Com o raciocínio lógico dos sofistas, essas narrativas começaram a perder toda a sua magia dentro da sociedade grega. Com os sofistas, o mito deixou de ser uma narrativa apenas oral, com seus discursos lógicos e obedecendo normas de escrita e finalmente, ele começou a ser redigido.

O modo como o mito era abordado por grandes autores, Hesíodo e Homero, foi se desfazendo para dá lugar às análises filosóficas. O historiador Tucíades (século VIII a. C.) mostra uma nova forma de encarar e analisar o mito. Os textos agora tinham conexões com o cotidiano das pessoas, as vivências, e, claro, exigia uma ligação com a verdade. Dessa forma, o mito foi ficando para trás, visto como uma coisa arcaica e ultrapassada; condições estas que permanecem até hoje.

Os gregos refugiavam-se nos mitos como uma resposta para a compreensão das eventualidades no mundo, seu surgimento, a origem de todas as coisas, o grego buscava nas narrativas míticas, a razão e seu papel a ser desempenhado nesse mundo. O mito unia grupos e movia toda a estrutura de uma sociedade, as relações entre os indivíduos que viviam nela.

A partir desse ponto de vista é possível destacar:

Em nenhuma outra parte vemos, como na Grécia, o mito inspirar e guiar não só a poesia épica, a tragédia e a comédia, mas também as artes plásticas; por outro lado, a cultura grega foi a única a submeter o mito a uma longa e penetrante análise, da qual ele saiu radicalmente “desmistificado”. (ELIADE, 2010, p. 130).

Desse modo, fica evidente que a Civilização Grega, como nenhuma outra da Antiguidade, foi influenciada pelo mito, o qual inspirou vários segmentos das artes. As referências a Homero e Hesíodo são constantemente inseridas no meio artístico, assim sendo, por mais que tenha acontecido esse processo de desmistificação na sociedade grega, o mito vive, ainda que não seja em toda a sua totalidade. Ele vive, principalmente, por meio de sua representação máxima, que é o teatro. Foi o teatro que fez dezenas de mitos sobreviver ao tempo. E ainda hoje, em algum lugar do mundo, existirá uma peça do teatro grego sendo representada a um público atento e curioso aos ensinamentos por meio das personagens míticas.

1.3 O MITO NOS DIAS ATUAIS (referências míticas no contemporâneo)

Mesmo sofrendo o processo de “desmistificação”, o mito ainda tem seu valor. Ele possibilita que o homem tenha um amplo conhecimento, algum feito que já tenha sido desempenhado por alguém, as pessoas podem referenciar: ah! Mas sabemos que a técnica de navegação já existia muito antes, com muitos tripulantes, como uma odisseia. Automaticamente, a visão de mundo permite ao homem das sociedades onde o mito tem seu caráter forte, enxergar de modo claro mesmo sendo algo nebuloso e misterioso.

Esse mundo onde o homem se encontra, precisa de uma compreensão, e possuindo essa linguagem e conhecimento acerca do mito, ele possibilita ao indivíduo compreender o que lhe é incumbido a decifrar.

A partir da análise que esse homem faz do mundo, ele consegue decifrar tudo referente a esse mundo que está a sua volta, e dessa forma depara-se com o mistério. A narração mítica é fator importante para a compreensão e conhecimento de determinadas realidades sobrenaturais. O homem grego utilizava do mito para compreender e buscar a razão para tais acontecimentos, esse conhecimento só é permitido porque ele utiliza da mesma linguagem que é o símbolo. Dessa forma, a sociedade utilizava do extraordinário enredo para explicar as definições e funções das coisas, dando a determinada sociedade fontes de inspiração.

Na sociedade atual, há muitos elementos míticos que ainda vivem e que perpassa aos nossos olhos, isso trata-se não de algo histórico, mas sim de algumas características do mito que fazem parte do ser humano de modo natural. Com relação ao tema, Eliade (2010) destaca:

Há vários fatores que aconteceram ao longo da História da humanidade que remetem aos aspectos encontrados no mito, uma delas é a Reforma na Igreja Católica. A Reforma visava um retorno à Bíblia fazendo com que a igreja tivesse ambição de viver a antiga vida dos cristãos. O outro exemplo encontra-se na Revolução Francesa, que de certa forma, encontra fontes de inspiração na sociedade Espartana e Romana. (ELIADE, 2010, p. 157)

Na sociedade atual, as cadeias míticas estão presentes de maneira forte, nas imagens e comportamentos que são mostrados através dos veículos midiáticos. Nos Estados Unidos é algo bastante comum terem essa cultura presentes nas histórias em quadrinhos, que mostram referência a heróis mitológicos ou folclóricos. Esses personagens apresentam os ideais de uma sociedade que estão tão ligados ao mundo real, que de certa forma chocam as pessoas que são apreciadoras dessas narrativas. Poderia citar o mito de Thor (o deus nórdico do

trovão) que foi introduzido ao mundo dos super-heróis, mas usá-lo de exemplo não irá causar o mesmo efeito que o Superman, por exemplo, um cara oriundo de outro planeta que possui dupla identidade que representa os anseios de um homem moderno, que sabe que precisa manter escondido, para continuar sendo o que sempre almejou, um herói.

Outro exemplo de conexões míticas na atualidade, são romances policiais, como Eliade cita:

O romance policial se prestaria a observações análogas. De um lado, o leitor assiste à luta exemplar entre o Bem e o Mal, entre o herói (o detetive) e o criminoso (encarnação moderna do Demônio). De outro lado, por um processo inconsciente de projeção e identificação, o leitor participará do mistério e do drama, e tem a sensação de estar pessoalmente envolvido numa ação paradigmática, isto é, perigosa e “heroica”. (ELIADE, 2010, p. 159)

Assim, como no meio literário contemporâneo, há também a presença de elementos míticos em filmes, novelas, séries etc. De igual modo, existe também uma forma de conexão a essas ideias expressadas pelo mito que, inconscientemente a sociedade demonstra em sua visão de mundo que se expressam no dia a dia e nas artes.

Os elementos míticos podem estar presentes de diferentes formas, na obsessão pelo sucesso, o que é algo que demonstra força na sociedade contemporânea, o indivíduo constrói heróis míticos de acordo com o que a sociedade lhe apresenta o seu desejo obscuro que se sobressai à condição humana. Eliade (2010) mostra, por exemplo, em sua obra o ato de cultuar os automóveis. Esses indivíduos adoradores desses objetos que para eles têm valor imensurável, é dessa forma que as lojas obtêm bastante vendas, de seus automóveis, por meio dessa adoração, desse desejo. Eliade compara esse rito da venda como se fosse algo sagrado.

basta visitar o salão anual do automóvel para nele reconhecer uma manifestação religiosa profundamente ritualizada. As cores, as luzes, a música, a reverência dos adoradores, a presença das sacerdotisas do templo (as manequins), a pompa e o esplendor, o esbanjamento de dinheiro, a multidão compacta – tudo isso representaria, em qualquer outra cultura, um ofício nitidamente litúrgico.(ELIADE, 2010, p. 160)

Por fim, esta análise reforça as ligações e os comportamentos míticos que estão enraizados na sociedade atual. É algo óbvio que é por meio da literatura, principalmente a épica, que os romances mantêm viva a narrativa mítica. Em ambos os casos, a história é contada de modo significativo, onde passa uma série de eventos que ocorrem num mudo fabuloso. A narração, principalmente no romance, é algo que tomou o lugar onde cabia a

recitação dos mitos e de diversos contos populares na sociedade, levando em conta tudo isso, é possível encontrar elementos míticos que prezam a conservação literária de temáticas míticas e personagens referentes à mitologia. O que se pode concluir é que, a partir dessas conexões mitológicas presentes nos romances e demais textos literários, é a vontade e o desejo do homem moderno em propagar e ouvir histórias mitológicas inseridas de forma implícita ou explícita nos textos, que o leva a compreensão e inserção nesse mundo.

Na narração mítica, o autor quer passar algo de belo e que transmita a beleza dos feitos dos heróis, ao invés de ver algo bárbaro nessas narrativas, o grego ressalta os feitos e a beleza contida neles, Por exemplo, Perseu ao arrancar a cabeça de Medusa, Hércules ao realizar seus doze trabalhos, ambos filhos de Zeus, em suas histórias, transmitem, a qualquer leitor, a beleza e a forma fantástica que o mito exerce não só na sociedade antiga, mas também vai sempre se reinventar de tempos em tempos.

O mito tem essa dualidade. Ao mesmo tempo que ele é uma narrativa fechada, também pode ser aberta. Fechada pelo fato de pertencer a uma determinada cultura e prender-se, apenas a ela; aberta porque é por meio dessas histórias que se explicam as outras culturas a sua singularidade, o seu lugar.

Sendo assim, mostrando a sociedade atual como as narrativas mitológicas expressam o desejo do homem de sempre se analisar, buscar resoluções acerca da humanidade para esclarecer novos questionamentos, como os gregos faziam em tempos passados usando o mito para explicar seus questionamentos. O mito não está preso à História, ambos andam juntos, assim como a Literatura e a Filosofia, esta tríade que envolve a evolução humana ao longo dos tempos, e continua dizendo o que é o mundo, o que é o homem de hoje.

Dessa forma, o indivíduo se renova por meio desses conhecimentos, dessas retomadas. E é a partir dos textos clássicos que a sociedade se faz e se refaz ao retomar mito. Aqui em particular, está em questão o poema 'O que é que é'.

CAPÍTULO II

2.1 História da Intertextualidade e Literatura Comparada

Estudos relacionados ao intertexto e à Literatura Comparada têm por princípio a exigência de uma percepção por parte do leitor de que quando ele lê um texto (A), conecta-se também com um texto (B). E este entrelaçamento de narrativas percebidas de forma levemente superficial, ao longo do tempo, é algo que perpassa a escrita, e, em especial, a literatura. Ou seja, sabe-se que existe presença de um texto primeiro, precedente ao texto atual, seja este qual for. E essa percepção referida, na maioria das vezes, tem uma conexão direta com o repertório que o leitor possui dentro daquele assunto, envolvendo-se aí o seu conhecimento de mundo. Dessa maneira, ele irá buscar em um processo histórico acerca da Intertextualidade e/ou mostrar sua antecessora, a Literatura Comparada, revelando assim fontes primordiais para a lapidação dessas duas vertentes que envolvem tanto a Literatura quanto a Linguística, o comparatismo e o Formalismo Russo; nas teorias de Bakhtin e Kristeva que são os grandes precursores para se fazer uma análise e uma compreensão sobre a origem e conceito da Intertextualidade no âmbito teórico bastante utilizado na análise literária.

A crítica Literária Tânia Carvalhal, esclarece sobre método de análise e comparação:

quando a comparação é empregada como recurso preferencial no estudo crítico, convertendo-se na operação fundamental da análise, ela passa a tomar ares de método, e começamos a pensar que tal investigação é um estudo comparado. Pode-se dizer então que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a este tipo de recurso literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. (CARVALHAL, 2001, p. 10-16)

Explanando assim essas diferenças, é possível destacar alguns pontos da Literatura Comparada, historicamente falando. Fazendo um breve recorte histórico, o método de comparação é algo que remete à antiguidade clássica. Aristóteles, na sua Poética, permitia perceber a presença de definições sobre comparativismo.

A epopeia, poema trágico, bem como a comédia, o ditirambo e, em sua maior parte, a arte do flautista e a do citaredo, todas vêm a ser, de modo geral, imitações. Diferem entre si em três pontos: imitam ou por meios diferentes, ou objetos diferentes, ou de maneira diferente e não a mesma. (ARISTÓTELES, 2005, p. 19).

Ainda nessa ordem, Aristóteles ressalta várias obras clássicas ao longo de seu relato e como se dá o processo de identificação de características diferenciadas em ambas, assim como pontos de contato entre elas.

Artes há que se utilizam de todos os meios citados, quero dizer, do ritmo, da melodia, do metro, como a poesia ditirâmbica, a dos nomos, a tragédia e a comédia; diferem por usarem uma de todos a um tempo, outras ora de uns, ora de outros. A essas diferenças das artes me refiro quando falo em meios de imitação. (ARISTÓTELES, 2005, p. 20).

Na Poética, ele ainda mostra que o processo de imitação e comparatismo ocorrem não só nas epopeias e tragédias, mas também nas ações dos personagens e dos próprios autores, mostrando assim o começo do ciclo e as variadas vertentes acerca da Literatura Comparada.

Como aqueles que imitam pessoas em ação, estas são necessariamente ou boas ou más (pois os caracteres que sempre se reduzem apenas a esses, baseando-se no vício ou na virtude a distinção e quais, como fazem os pintores; Polignoto, por exemplo, melhorava os originais; Pausão os piorava; Dionísio pintava-os como eram. Evidentemente, cada uma das ditas imitações admitirá essas distinções e diferirão entre si por imitarem assim objetos diferentes. Essas diversidades podem ocorrer igualmente na arte da dança, na da flauta ou da cítara; bem assim no que tange à prosa e na poesia não musicada. Homero, por exemplo, imitava pessoas superiores; Cleofonte, iguais; Hegêmon de Tasos, o primeiro a compor paródias, e Nicócares, o autor da Diliada, inferiores; o mesmo se diga quanto aos ditirambos e nomos²; podem-se criar caracteres como ciclopes de Timóteo e de Filóxeno. Nessa mesma diferença divergem a tragédia e a comédia; esta os quer imitar inferiores e aquela superiores aos da atualidade. (ARISTÓTELES, 2005, p. 20-21).

Como se pode perceber, ainda está entrelaçada a Literatura Comparada, mas com essa prévia já dá pra ter uma noção do quanto o termo e o ato de comparar e analisar os pontos divergentes e semelhantes presente em textos. É algo que vem desde a Grécia Antiga. Principalmente por ser o berço das narrativas mitológicas e das grandes epopeias gregas. Nesse trecho, Aristóteles já emprega o modo de análise não só das narrativas em si, mas as distinções do gênero comédia e da epopeia, analisando também a estrutura de ambos. Há também ocorrências de comparação em obras, Platão que aborda também a questão da cópia e influência.

Acompanhando uma cronologia histórica, questionamentos sobre cópia, originalidade e influência como se pode perceber, são bem antigas e que de certa forma, acompanha a evolução da escrita e da Literatura. Assim como na Grécia Antiga, o termo comparação já era empregado também na Idade Média, há obras como Discurso comparado de nossos poetas ingleses com os poetas gregos, latinos e italianos de Francis Meirelles, entre outras grandes

² Cântico ao som de harpa, em louvor de Apolo.

obras que remetem o uso da comparação, trabalhos que intercalam com outros, etc. A França proporcionou grande contribuição para a evolução da Literatura Comparada, tendo uma grande obra do iluminista Voltaire o Dicionário filosófico, entre outras obras que abrangem conceituações acerca do termo.

Mais tarde, no século XIX também há contribuições para o progresso da Literatura Comparada, uma corrente de natureza cosmopolita. A difusão do comparatismo foi possível por meio do relativismo que por vezes remetia aos valores clássicos, que marcaram a historiografia Literária.

Dessa forma, mostrar essa cronologia sobre a Literatura Comparada, é expor um grande progresso e avanço referente às análises literárias, de igual modo, é mostrar os avanços nas análises do “novo” e “velho”, “antecessor” e “sucessor” que estão presentes em grandes obras ao longo da História. É ver também como há uma conexão dentro do texto, seja sua estrutura, e ainda seu sentido. O Comparatismo Clássico torna possível a percepção e identificação das semelhanças e diferenças entre as obras. Atualmente, a Literatura Comparada está com uma nova roupagem evoluindo como sempre, usar o passado para ligar ao presente, analisando e investigando essa teia de relações encontradas na escrita e na Literatura, é como tecer um tapete com muitas mensagens interligadas.

2.2 A Intertextualidade: Conceituação, História e principais Precusores.

Qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto.

Julia Kristeva

Entender a Literatura comparada é perceber e esclarecer a ligação de dois ou mais textos (ou estabelecer intertextos), ou seja, por meio dessa percepção, pode ser entendido como uma obra literária pode ligar-se com outras obras formando assim uma corrente notável em todos os períodos da Literatura.

Por outro lado, nos estudos mais recentes, o formalismo russo teve sua contribuição para o desenvolvimento dos estudos em torno do fenômeno da Intertextualidade, uma escola literária russa que existiu entre 1910 a 1930, centrou-se no texto, dedicou-se em classificar e estudar o texto e o entendimento desses períodos, um exemplo é o círculo de Moscou

(formalismo russo) analisavam obras (usando a literatura comparada) com ênfase em transcrições para comparar. (CARVALHAL, 2001).

Segundo Kristeva (1969), o formalismo tinha características construtivistas (como foi construído o texto?). Os formalistas dividiam o discurso como: monológico, histórico ou científico (KRISTEVA, 1969). Dessa forma, pode se concluir que os formalistas tinham uma visão mais ortodoxa por assim dizer, num ponto de vista mecanicista do processo, levando em conta que eles tinham uma vertente em Saussure, o qual tinha como objetivo maior considerar e/ou analisar as relações extratextuais.

Em Kristeva (1969), nota-se a importância da história do formalismo rompendo paradigmas, tais como: biografismo, psicologismo, etc. Claro que houve ponto de vistas mais amplo em relação ao diálogo bakhtiniano, como a tríade Tynianov, juntamente com Jakobson e Mukarovski, esses três tinham uma percepção mais ampla sobre o fato de o texto ser mais aberto, valorizando não só a forma como a função. Os três criticaram noções construídas pelo grupo, como a noção de “Epígono” como valor constitutivo, para explanar a ideia de tradição, na linha de concepção da historiografia tradicional (CARVALHAL, p. 14-17).

De acordo com Kristeva (1969), Bakhtin desenvolveu as suas observações, e, de uma forma distinta do formalismo, ele categorizou o discurso como dialógico, onde todo o discurso monológico conseqüentemente se transformaria em dialógico. Era perceptível mudanças no *loco* literário, dois dos três anteriormente citados, Tynianov e Mukarovski estudaram as relações recíprocas de uma obra literária. Dessa forma, Bakhtin conjugou algumas vertentes do formalismo-estruturalista (KRISTEVA, 1969) e do marxismo no que concerne na realidade extraliterária; esses conceitos que Bakhtin usufruiu e que depois confrontou ao idealismo de Hegel (KRISTEVA 1969). Vendo por essa representação, basicamente abrange muito antes do conceito formado de Intertextualidade seu antecessor, a Literatura Comparada por meio dos escritos de Aristóteles (2005) encontrados em sua Poética, perpassando pelos estudos da Polifonia, essa que foi a grande chave para a introdução do termo intertextualidade proposto por Kristeva (1969). Essa ramificação explana a ligação da Linguística com a Literatura e de como essas diferentes teorias beneficiam para compreensão do sentido do texto e do discurso.

A partir dessa árvore genealógica, é possível identificar a evolução dos estudos numa vertente diacrônica em que é perceptível a construção polifônica (várias vozes) do discurso, assim como o jogo dialógico e polifônico do romance, a dualidade da palavra, mostrando o *Skaz* que é uma modalidade narrativa em que o discurso se reveste de oralidade daquele que narra, distanciando-se do próprio autor. É um discurso com dupla orientação, uma voltada

para o discurso falado (entoação, construção sintática, matiz lexical) e outra voltada para o discurso do outro, (o porta voz de uma visão de mundo).

Dessa forma, Bakhtin foi encontrar no carnaval (como denominava “a visão carnavalesca do mundo”) uma forma para embasar as suas teorias. Para ele, o sujeito perde seu enfoque principal no enunciado e é substituído por duas vozes sociais que fazem dele um sujeito histórico e ideológico; e considera esse dialogismo como princípio constitutivo da linguagem e a condição de sentido do discurso. O autor introduz o estatuto da palavra como uma unidade mínima da estrutura; para ele, o texto deve ser situado na história e na sociedade. A palavra literária é então a intersecção das superfícies textuais. É importante notar que em relação aos seus estudos, existe uma frequência mínima de críticas, e que, a esse respeito, o leitor pode consultar.

Então, a partir dos estudos bakhtinianos, Júlia Kristeva direcionou toda essa carga teórica do campo do dialogismo e deslocou o âmbito da teoria literária para a produtividade do texto, assim, dessa forma, a mesma deu a cunha do termo Intertextualidade: “Qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto”.

A mesma diz que a palavra literária não é um ponto, um sentido fixo, mas um cruzamento de superfícies textuais (KRISTEVA, 1969), o papel da semiótica literária consistirá em procurar formalismos que correlacione aos distintos modos de encontro de palavras no espaço dialógico do texto. Em 1969, Kristeva ainda deixou clara a troca do nome dos termos, ao invés de Intersubjetividade, oficializa-se “Intertextualidade” mostrando assim a leitura da linguagem poética que passou a ser uma via de mão dupla.

Ainda sobre o conceito de Intertextualidade é possível destacar:

Muitas das tipologias de intertextualidade são tributárias das relevantes observações de Gérard Genette, em *Palimpsestes* (1982). Genette tratava, de modo geral, os diálogos entre textos como relações de transtextualidade, a transcendência textual, tudo o que põe em relação, ainda que “ secreta”, um texto com outros e que inclui qualquer relação que vá além da unidade textual de análise. (KOCH 2007, p. 119).

Dessa forma, Genette categorizou as variadas vertentes da Intertextualidade que se tem conhecimento atualmente: citação, plágio, alusão, paródia, pastiche, etc. Vendo por essa perspectiva, o que disse Genette é muito útil, visto que a intertextualidade, de forma diacrônica tem fornecido grande contribuição para diversos ramos do conhecimento, como, para a crítica psicanalista, do ponto de vista do subtexto interno; para a estética da recepção pelo modo como os textos carregam cenas de leitura, para a análise estilística no sentido do

levantamento de ocorrências, elementos das obras, pela crítica genética por instigar o funcionamento dos empréstimos e da absorção progressiva dos materiais externos e finalmente pela sociocrítica no estudo da origem dos enunciados. (BARROS, 2003).

O mais relevante de tudo, é o fato de que antes mesmo que o termo Intertextualidade tenha sido criado, já haviam ocorrências de conexões e comparações entre textos ao longo da história, a Literatura Comparada como antecessor da Intertextualidade, expôs um grande panorama de teorias e autores que já percebiam, desde os primórdios, o método comparatista: de Aristóteles, Platão e Voltaire a Bakhtin, Kristeva, Genette e Koch. Dessa forma, o diálogo bakhtiniano faz sua própria ponte com a Literatura e contribui para o entendimento e esclarecimento do fenômeno da Intertextualidade não só no sentido do texto, como também na sua estrutura.

De acordo com o que foi exposto acima é possível elaborar a seguinte figura:

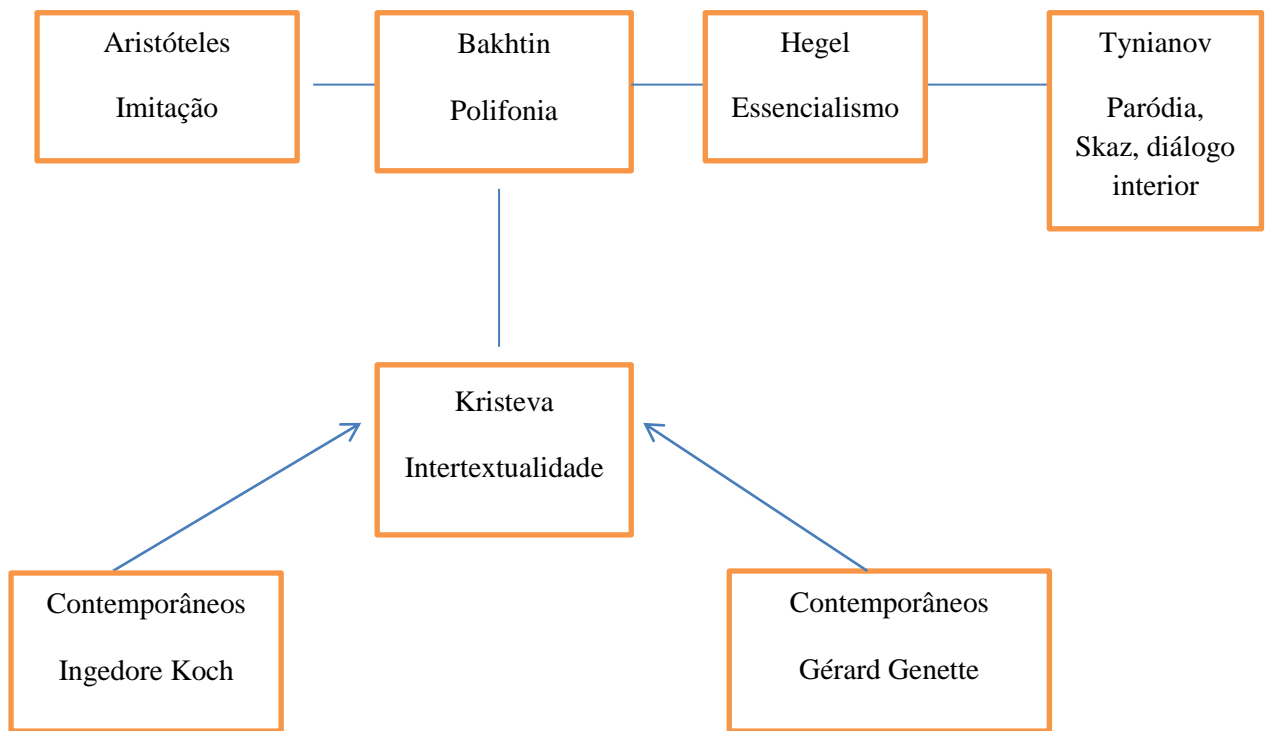


Fig. 1

Fonte: autora

2.3 Os tipos de Intertextualidade

É fato que variados autores utilizam textos já existentes e reconhecidos, os textos fontes, para servir de base às suas novas criações. Contribuem assim, para o enriquecimento e estudo de um determinado tema, da exaltação de uma personalidade, de um país, da valorização de uma determinada civilização e da cultura de um povo.

Segundo KOCH (2007), a Intertextualidade pode ocorrer em vários domínios e diversos gêneros: prosa, poesia, letras de música, publicidade, pinturas, imagens, cinema, tv, etc. Ainda que possa ocorrer de forma acidental, sendo uma mera coincidência, a intertextualidade, na maioria das vezes, é planejada, apresentando vestígios diretos ou indiretos do texto fonte, que permite ao leitor reconhecer a influência e presença exercida pelo texto original.

Destaco mais abaixo, de acordo com *site* Norma Culta, duas formas de fazer Intertextualidade

a) Intertextualidade Explícita

- é facilmente identificada pelos leitores;
- estabelece uma relação direta com o texto fonte;
- apresenta elementos que identificam o texto fonte;
- não exige que haja dedução por parte do leitor;
- apenas apela à compreensão do conteúdo

b) Intertextualidade Implícita

- não é facilmente identificada pelos leitores;
- não estabelece uma relação direta com o texto fonte;
- não apresenta elementos que identificam o texto fonte;
- exige que haja dedução, inferência, atenção e análise por parte dos leitores;
- exige que os leitores recorram a conhecimentos prévios para a compreensão do conteúdo.

Exemplos de intertextualidade explícita

Dentre os variados exemplos de intertextualidade existentes na literatura um dos mais conhecidos é o poema Canto de Regresso à Pátria, de Oswaldo de Andrade, cujo texto fonte é o poema Canção de Exílio, de Gonçalves Dias.

Canção do Exílio (texto fonte)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

(...)

Canto de Regresso à Pátria (intertextualidade)

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

(...)

2.4 Leitura e ativação de sentido na perspectiva de KOCH

Ingedore G. Villaça Koch, em sua obra *Ler e compreender: os sentidos do texto*, ressalta o fenômeno que acontece com o leitor, o processo do sentido do texto e ativação de conhecimento:

É por essa razão que falamos de um sentido para o texto, não do sentido, e justificamos essa posição, visto que, na atividade de leitura, ativamos: lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade, conhecimentos textuais.
(KOCH, 2006, p. 19).

Levando em conta o que KOCH (2006) afirma, é exatamente o que acontece no processo da Intertextualidade, espera-se que o leitor ative variados conhecimentos e segundo a autora, a leitura e a produção de sentido são atividades orientadas pela bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo (lugares sociais, crenças, valores, vivências). Ao se deparar com um mito grego ou alguma lenda folclórica, o leitor irá ativar toda bagagem de leitura pertencente a ele. Ao ler uma lenda, ele vai associar a algo que já aconteceu que o remeta a narrativa, à origem dos termos, os costumes, etc.

Por exemplo destaca-se o mito de Édipo. Ao lê-lo, o leitor depara-se com uma tragédia em volta do herói da trama. Nela há lições, que, na época, claramente o povo grego temia por vários motivos: represálias dos deuses, os costumes voltados para a religião, etc. Assim como os termos que são usados pela sociedade até os dias atuais. No campo da psicanálise, temos o conhecido Complexo de Édipo, que consiste em um sentimento que faz o filho despertar uma espécie de paixão pela mãe, de igual modo, há a paixão pelo pai, denominada Complexo de Electra. Temáticas pesadas que poderão desencadear o incesto.

Assim, lendo os mitos gregos é possível identificar, não só o tema citado acima, como também outras influências da cultura greco-latina, em geral em muitas culturas, em particular no Brasil. Assim, é possível destacar outras influências na legislação, na música, na literatura, na arquitetura, no cinema, teledramaturgia, etc.

De acordo com (KOCH, 2006) os conhecimentos dos leitores são diferentes, eles variam de um leitor para outro. Isto implica em aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto, pois o sentido não está apenas no leitor, nem no texto, mas sim, numa conversação constituindo-se assim um ciclo vicioso entre autor-texto-leitor. Por isso é essencial que o leitor considere para a produção de sentido as “sinalizações” do texto, além dos conhecimentos que possui. No que se refere à Intertextualidade, é levado em

conta todo esse processo descrito acima, o fato de ter lido um texto A (mito de Édipo), absorvido tudo o que tinha na narrativa, conseqüentemente ao ler o texto B (poema de Carvalho) o leitor ativará os conhecimentos e para produzir um sentido é preciso que fique atento às sinalizações que o texto externa, fato este que permite comparar as obras, estabelecendo, assim, os pontos de contato, ora convergentes, ora divergentes. E dessa forma, analisa-se uma obra usando tanto o campo Linguístico, quanto o Literário.

Além do processo de reconhecimento de temáticas dentro de uma ou mais obras, Koch (2006) ressalta que é importante o uso desses conhecimentos. É como se o subconsciente do leitor passasse por uma espécie de *déjà vu* e que irá conectar o sentido de um texto com outro, e isto serve como um elo de ligação que o leitor irá identificar, tornando possível referenciar uma obra à outra.

Além da capacidade de reconhecer a intertextualidade no processo de compreensão, o leitor deve ativar outros conhecimentos: Conhecimento de língua, Conhecimento das coisas do mundo e Conhecimento do modo de organização, estilo e propósito comunicacional do gênero em questão. (KOCH 2006, p. 96).

E dessa forma, por mais que o texto que o leitor irá ler e analisar seja de época distante a do texto original, essa ocorrência demonstra que ao ler obras que fazem referências ao passado, fica exposto que as epopeias e mitos, de certa forma, permanecem vivos no presente. Os conhecimentos citados ao longo do texto, formam a chave para a compreensão e retomada de temáticas que ficam presentes não só na ficção, mas também no mundo real.

Assim, pode-se entender os fatores de compreensão da leitura, são fatores complexos e inter-relacionados, mostrando um ciclo bastante conhecido que é a relação autor-leitor, esses diversos fatores são referentes ao conhecimento dos elementos linguísticos (uso de determinadas expressões, ou vocabulários etc.), esquemas cognitivos, a bagagem cultural, as circunstâncias em que o texto foi criado. Como foi exposto, ativa-se os conhecimentos necessários para a compreensão do texto, nesse caso, é importante entender o universo greco-latino, conforme destacado:

- Compreensão de Literatura clássica
- Mitologia greco-latina
- As divisões dos deuses gregos
- Os principais autores gregos

- Relacionar as obras envolvidas
- Os temas abordados tanto no texto fonte quanto na obra que irá usar desse texto.

É, portanto, exatamente esse o ponto da compreensão que o autor espera que o leitor ative no processo de leitura e interpretação no ato da leitura, ainda que se altere os gêneros, seja ele: teatro, romance, epopeia, conto, fábula, etc. A Linguística e Literatura estarão conectadas num abraço infinito de teorias e conceitos acerca das análises, demonstrando, com isso, o processo de Intertextualidade e/ou comparatismo que será realizado pelo leitor.

CAPÍTULO III

De acordo com o que foi destacado acima sobre a intertextualidade, segui abaixo os textos que serão analisados.

3.1 Mito de Édipo contada por Sófocles³

A peça de teatro escrita por Sófocles conta a história Laio, rei de Tebas e esposo de Jocasta, o qual, depois de consultar o oráculo de Delfos, o rei descobre que seu filho, ainda no ventre de materno, o matará e se casará com a rainha, sua mãe. Para evitar tamanha tragédia, quando a criança nasceu, o rei ordenou a um servo que abandonasse a criança no alto de uma montanha com os pés amarrados, para que lá ele morresse.

O servo, no entanto, com pena de matar uma linda e inocente criança, ele a entrega para um escravo do rei de Corinto, e este, em função dos pés inchados da criança, passa a chamá-la de Édipo.

Quando Édipo, já adulto, consulta o oráculo e descobre que está pré-determinado a matar seu pai e a se casar com sua mãe. Antes mesmo de saber que Polípio e Mérope não são seus pais biológicos, ele decide fugir para evitar a desgraça que lhe foi apresentado pelo oráculo. Na fuga, após caminhar vários dias, Édipo é atacado por uma tropa de um rei que vinha em sentido oposto ao dele. E assim, em legítima defesa, Édipo mata o seu oponente. Continuando sua viagem, ao chegar às portas da cidade de Tebas, Édipo vence a esfinge que lhe propôs um enigma. Ao decifrar o mortífero enigma, a esfinge morre e Édipo é proclamado o novo rei de Tebas, ocasião em que ele se casa com a rainha Jocasta, que está viúva.

Anos depois, Tebas é atingida por uma peste. Édipo pede a Creonte para consultar o oráculo, é necessário saber o motivo do terrível mal que caiu sobre a cidade. Creonte chega com a seguinte notícia: para que Tebas se liberte da praga, o assassino do rei Laio deve ser descoberto e expulso da cidade, como punição. Édipo decide investigar para descobrir quem matou o rei Laio, conseqüentemente, a investigação do acontecimento chega a Édipo, e este cumpre o que havia prometido.

³ foi um importante dramaturgo da Grécia Antiga. Nasceu na cidade-estado de Atenas em 496 a.C. e morreu em 406 a.C. É considerado um dos grandes representantes do teatro grego antigo, junto com Eurípedes e Ésquilo. Viveu no período de maior desenvolvimento cultural de Atenas.

3.2 O que é, O que é? (Poema do livro Contemas)

Wandercy de Carvalho⁴

Eu brinco de fazer encantos e de adivinhas
desde o tempo em que
eu e os outros meninos da minha rua
éramos todos pequenos e livres:
sem contas para quitar
sem impostos para pagar
e nem outras obrigações

Daquela bela época,
ainda trago recordações dos gregos
que moravam na minha estante.
Portanto: o que é, o que é?

- Um animal que,
pela manhã anda com quatro patas,
ao meio dia, anda com duas,
e no anoitecer, anda com três?

- É o homem!

Respondia a menina baixinha e mais feinha,
mas a mais inteligente do bairro;
que, depois de adulta,
tornou-se uma grande professora!

⁴ Licenciado em Letras (Português/Latim) e (Português/Francês), pela Universidade Federal Fluminense (UFF); é Mestre em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e Doutor em Letras (área de concentração em Estudos de Linguagem, subárea de Estudos Linguísticos), pela UFF. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins.

3.3 Intertextualidade aplicada às duas obras

Levando em conta o breve diálogo com Bakhtin (1929), Kristeva (1969) e Koch (2007), destaco o poema de (CARVALHO, 2014) como grande exemplo do que foi proposto neste trabalho. Ali, esse autor retoma o mito de Édipo, escrito por Sófocles.

De acordo com a exposição dos dois textos acima, é possível constatar traços da Intertextualidade explícita, pelo fato de no texto contemporâneo, aparecer um fragmento do texto-fonte, uma das partes mais famosa da narrativa sobre o mito de Édipo. Trata-se do enigma que aquela Esfinge já havia lançado a centenas de pessoas, e a todos havia provocado a morte. A Esfinge, no entanto, interroga o herói, propondo-lhe aquele enigma, porém Édipo a surpreendeu dando-lhe a resposta correta.

E é aquele mesmo enigma proposta pela Esfinge, que aparece no texto de Carvalho (2014), como se este autor desejasse acrescentar mais um ponta àquela narrativa milenar. (Quem escreve um conto, acrescenta um ponto, diz a sabedoria popular).

o que é, o que é?

- Um animal que,
pela manhã anda com quatro patas,
ao meio dia, anda com duas,
e no anoitecer, anda com três?

(CARVALHO, 2014), resgata, intencionalmente em seu texto, o ponto culminante da obra de Sófocles. Desse modo, o autor contemporâneo estimula ou ativa o conhecimento literário do leitor, e este, ao saber o que contém no poema “O que é, o que é”, fará a conexão entre as duas obras e, a partir daí, vai perceber que a intertextualidade é um ótimo recurso para produção de texto.

O poema ressalta outras referências à Grécia Antiga, e com isso reforça, ainda mais, os pontos de contado presente em ambos os textos.

3.3.1 Pontos de contato e pontos divergentes entre os dois textos

Para iniciar, destaco alguns trechos do poema:

- a) “Eu brinco de fazer encantos e de adivinhas”.

Este verso funciona como uma espécie de chave que abre uma porta para conduzir o leitor ao universo do poema. Aqui identifica-se o narrador, ainda criança, ‘brincando’ de ser adivinho. Este fato faz uma alusão direta ao profeta cego da tragédia grega chamado Tirésias. E este, por sua vez, estabelece uma ponte de ligação com o Oráculo de Delfos, foi ali que Édipo descobriu tudo sobre o seu destino.

Retomando o poema em *Contemas*.

- b) “Desde o tempo em que
eu e os outros meninos de minha rua
éramos todos pequenos e livres”

O fragmento do poema aplica-se também no mito de Édipo, já que este só ficou sabendo de seu trágico destino, quando já era adulto, após consultar o Oráculo de Delfos. Em Corinto, Édipo teve uma infância despreocupada, já que o mesmo foi criado por um rei.

No poema, o narrador evidencia a boa época da infância, dentre aquelas lembranças está a leitura, fato que se pode destacar aqui a importância da prática do letramento literário, a qual leva a aquisição de conhecimentos. Por meio da leitura, o narrador, quando criança, aprendeu sobre o enigma que a Esfinge propôs a Édipo.

Observa-se que no texto contemporâneo ocorre uma ‘inovação’? Já que outra personagem, representando a coletividade, aparece no poema e é ela quem responde aquela questão, que, no texto matriz, foi proposta ao cidadão Édipo. No poema, o enigma é proposto à “menina feinha”. Ela, no entanto, contrário ao que se poderia esperar, tornou-se “uma grande professora”! Neste momento, encontra-se uma antítese curiosa no poema, que é o fato de uma “baixinha menina” tornar-se uma “grande professora”. Em razão disso, percebe-se, não só a valorização da mulher, como também a demonstração de que ela é capaz de vencer, ainda que tenha uma aparente limitação (o fato de ser baixinha). No entanto, vencida esta aparente “carência”, ela conquista seus objetivos. Aqui, é possível reconhecer que o adjetivo ‘grande’ não está relacionado a tamanho, mas sim, a ‘importante’, a ‘estudiosa’, a ‘sábida’ ou a bem sucedida mulher.

c) Traços **comuns** entre os dois textos

Édipo em Sófocles	Édipo em CONTEMAS
<ol style="list-style-type: none"> 1. Boa infância 2. O enigma é decifrado 3. Infâncias sem preocupações 4. Édipo é subestimado 5. Retoma cultura dos antepassados (Auxílio do oráculo e Tirésias) 6. Édipo dotado de uma grande inteligência. 7. O mito é uma narrativa para dar exemplo. 8. Édipo mostra-se justo em suas ações. 9. O herói possui recordações de sua vida antes do reinado. 10. Enigma da Esfinge 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Boa infância 2. O enigma é decifrado 3. Infância sem preocupações 4. Ninguém acreditava na menina 5. Retoma cultura dos antepassados (Livros com histórias gregas) 6. A menininha mais inteligente do bairro 7. No poema, a menina é um exemplo. 8. Ela apesar de ser subestimada, é justa. 9. A personagem tem ‘belas’ lembranças, principalmente das obras gregas. 10. Enigma da Esfinge

Quadro 1

A partir do quadro (1), é possível constatar a presença de certos pontos semelhantes nos dois textos em estudo, isto indica a importância do tema retomado no poema ‘o que é, que é?’ Ainda que esse texto possa ser incluído no que se convencionou chamar ‘literatura contemporânea’, o seu ‘tema’, ‘assunto’ ou ‘argumento’ retoma Sófocles, mas a partir de um ponto de vista diferente, para que, assim, seja possível acrescentar novos argumentos, e, principalmente, para que aquela literatura do passado permaneça viva nos dias de hoje.

O quadro acima permite perceber a conexão do passado com o presente. Os mitos, de certa forma, eram narrativas orais passadas de geração em geração, porque naquela época ainda não havia a escrita, ainda assim, muitas sobreviveram e chegaram até os dias de hoje.

E assim, é extraordinária a forma da Literatura Contemporânea se vincular às narrativas milenares. Conforme foi dito acima, manter essa vivacidade de citações e ocorrências de mitos gregos é essencial para o entendimento e conhecimento do leitor. Uma obra contemporânea como *Contemas* expõe variadas referências greco-latinas, fato este que revela o ponto culminante, tanto do campo da Literatura Comparada, quanto da Intertextualidade, este fato faz enriquecer a temática do velho e do novo, ainda vivos, por meio de textos literários.

d) Traços **divergentes** entre os dois textos

Édipo em Sófocles	Édipo em CONTEMAS
<ol style="list-style-type: none"> 1. Quanto ao gênero – teatro. 2. A personagem tem fim trágico. 3. Destino predeterminado pelos deuses. 4. Enigma proposto pela esfinge. 5. Personagem típico de mito. 6. O mito é pessimista. 7. O mito projeta personagem ideal. 8. O herói do mito tem nome e história particular. 9. Acontecimento singular (só poderia ter acontecido a Édipo). 10. Édipo é um rei respeitado, apesar de seu destino 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quanto ao gênero – poema. 2. A personagem tem fim vitorioso. 3. Destino determinado por esforço próprio. 4. Enigma proposto pelo narrador. 5. Personagem típico de fábula. 6. O poema tem fim otimista. 7. O poema não mostra personagem ideal. 8. No poema, personagem sem nome e nem destino pré-determinado. 9. Acontecimento plural, comum (pode acontecer a milhares de pessoas). 10. A menininha não é respeitada e é julgada por sua aparência.

Quadro 2

No quadro (2), é possível constatar que os textos em estudo apresentam traços distintos. E esta realidade faz com que seja possível perceber, mais claramente, o que foi ‘acrescentado’ ao mito de Édipo. Desse modo, fica mais nítido o que diz Bakhtin, Kristeva, Koch, quanto tratam sobre a importância intertextualidade.

A partir do quadro (2), serão destacados os pontos comuns e divergentes para serem analisados. Ocasão em que o leitor poderá ativar os seus conhecimentos para perceber a comparação existente no tempo que retomou o mito de Édipo, e acrescentou outros elementos e desse modo estabeleceu elo de ligação entre o Édipo do passado e o ‘renovou’.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 as mais nítidas *distinções* entre os dois textos

1) Quanto ao gênero teatro x quanto ao gênero poema

De acordo com o que foi destacado em 1.2 dessa monografia, o teatro grego faz renascer o mito, e é este gênero que fornece o ‘material’ para a elaboração desta pesquisa. Por outro lado, no texto contemporâneo, temos o gênero poema, e ele, ainda que estruturado na forma de versos livre, não deixa de proporcionar ao leitor, aquelas sutilezas que são capazes de provocar algum prazer e conhecimento, já que, o gênero poema, não muito diferente do teatro, também desperta emoções e aprendizagem

O que mais fortemente difere os gêneros, é que, enquanto o teatro aborda questões que envolvem o coletivo, o poema trata de temas individuais, íntimos, vinculados ao próprio leitor que se isola em seu mundo particular.

E assim, enquanto no teatro, Sófocles apresenta Édipo para vários expectadores, Carvalho, em *Contemas*, a seu modo, expõe um ‘Édipo’ para ser ‘visto’ apenas por um espectador, ou seja, o leitor, e este, por sua vez, intimamente, vai apreciar e se emocionar com os fortes traços da tragédia inseridos no poema.

2) Personagens com fim trágico x personagens com fim vitorioso

Como foi exposto ao longo desta monografia, o gênero teatro tem características bem diversificadas. No caso do mito de Édipo, trata-se de uma tragédia, porque essa narrativa inclui deuses, reis e heróis, tópicos estes que se encaixam na temática da tragédia, de igual modo, o herói está predestinado a enfrentar diferentes obstáculos. No caso de Édipo, que é rei e também herói por ter matado a Esfinge, esse mito é uma narrativa igualmente cheia de crimes pesados que envolvem parricídio e incesto, e, por fim, um final trágico.

Por sua vez, (BETTELHEIM, 2004), ao tratar das diferenças entre contos de fadas e mitos, diz que a fábula apresenta final feliz. E o texto em análise extraído do livro *Contemas*, não deixa de ser uma espécie da fábula contemporânea. E assim, é possível destacar esse traço particular no poema em estudo. Em *Contemas*, o que distingue aquele texto, é o fato de a personagem central ter um fim vitorioso, ainda que ele tenha sido conquistado com bastante esforço. Antes, subestimada e vivendo em um desprezo social, ainda assim venceu, ou seja, a

personagem não era uma heroína nos padrões desejados, no entanto, torna-se vitoriosa ao esforçar-se para tornar-se ‘uma grande professora’.

3) Destino pré-determinado pelos deuses x destino por esforços próprios

Ao ler uma narrativa mitológica, é comum o leitor se deparar com uma profecia, um adivinho e/ou um oráculo que vinculam a vida do herói a fatos extraordinários. É nessa perspectiva que a vida de Édipo está inserida. Na história, Édipo consulta o oráculo e fica sabendo que, antes mesmo de ele nascer, os deuses haviam traçado o seu destino, e o herói, por mais que se esforce para dele escapar, não consegue.

Contrário a esta situação, em *Contemas* muito diferente da tragédia grega, é a personagem quem vai em busca do seu próprio destino, porque ela é dona de suas escolhas e responsável por suas ações. São elas que vão definir o futuro, e é exatamente isso que a personagem faz, enfrenta os seus desafios diários até conquistar os seus objetivos e se tornar vitoriosa.

4) Enigma proposto pela Esfinge x enigma proposto pelo narrador

Após ter o seu destino revelado pelo oráculo, Édipo foge da cidade para evitar que o seu destino não fosse realizado, conforme os deuses haviam determinado. No entanto, ao longo dessa caminhada, ele encontra o seu verdadeiro pai e o mata, por motivos aparentemente banais. Seguindo sua viagem, Édipo encontra a esfinge e ela propõe-lhe um enigma que já havia levado muitos outros aventureiro à morte. No entanto, Édipo, que nada temia, aceita o desafio e o vence.

No poema em estudo, a personagem, tal como Édipo, é testada e induzida a expor o que conhece sobre aquela questão. E ali, a ‘nova Esfinge’, que é composta pelos livros gregos, assemelha-se à do mito de Édipo. Isto é, ela esperava ter êxito, ou seja, desejava que a menina errasse a resposta. No entanto, semelhante a Édipo, a menina também acerta a resposta sobre o que lhe foi perguntado.

5) Personagem típica do Mito x personagem típica da Fábula

No mito, as personagens são sempre caracterizadas com aspectos que os distinguem por serem astutos e fortes fisicamente. Como ocorre em vários casos: Hércules, Aquiles, Odisseu e Perseu. De igual modo, Édipo também possui essas características, além da inteligência, tem a liderança comum e necessária a um soberano. É fato que em várias narrativas mitológicas essas duas polaridades tanto ajuda, quanto atrapalha a trajetória do herói no decorrer da narrativa.

Por outro lado, na fábula, as personagens são representadas por cada qualidade que o homem possui, são características positivas, que sempre são seguidas de uma moral ou ensinamento. A personagem do poema é totalmente diferente dos grandes heróis que a mitologia descreve. Em *Contemas*, ela, aparentemente é subestimada, por não apresentar características típicas de ‘herói’, ainda assim ela dá ‘a volta por cima’, porque ela possui problemas humanos e universais.

6) O Mito é pessimista x o Contos de Fadas é otimista

Bettelheim (2004) diz que “o mito é pessimista, enquanto a estória de fadas é otimista”. Assim, as histórias míticas que envolvem deuses, reis e heróis, como foi mostrado ao longo dessa pesquisa, apresentam esta característica, embora em alguns contos de fadas também ocorram “coisas fantásticas” em razão das virtudes do herói o final é vitorioso. No entanto, o modo como Édipo é alertado pelos deuses sobre seu destino, seria suficiente para despertar nele a suspeita de que seu fim seria muito triste, no entanto ao invés de tentar evitar isto, ele contribui para que assim seja.

No poema, a personagem procura vencer os obstáculos, ela ‘vai atrás’ de suas conquistas de forma mais humana possível, por ser uma heroína contemporânea, ela é dona de seu futuro. E sem intermédio do divino, ela vence aqueles obstáculos sociais e chega ao patamar elevado comparado aos indivíduos que duvidaram do seu sucesso. Ou seja, adquire a redenção (aceitação social) pelo sucesso que obtém.

7) Os mitos projetam personagens ideais x em *Contemas* isto não ocorre

A estética grega em relação a deuses e heróis é bastante positiva, porque para os gregos, os deuses eram semelhantes aos seres humanos, dentre todas as qualidades necessárias, seus filhos eram dotados de muita força e beleza. Por sua vez, os heróis e os reis, por exemplo Odisseu e Édipo eram dotados de uma grande beleza e para completar o conjunto de fatores ideais, eram inteligentes, obstinados e com espírito de liderança.

No poema em análise, a personagem não possui nenhum padrão de beleza ou grandeza como ocorre nos mitos gregos. No texto, a personagem é taxada de “feinha” e “baixinha”, fato que demonstra que ela não possui ‘aquela’ grandeza física e nem ‘aquela’ beleza encontrada em Vênus, Afrodite ou Psiquê. No texto contemporâneo, a personagem possui todas as qualidades e defeitos presente em um ser humano “normal”.

8) No mito, os heróis têm nome e história particular x no poema, não

Nos mitos, os nomes das personagens são marcantes e definitivos. Odisseu, Aquiles, Baco, Hercules, Hermes cada um deles tem seu nome reconhecido e sua história particular. Na história de Édipo, o título da peça de teatro é o próprio nome da personagem, e ela tem seu destino traçado mesmo antes de nascer. Desse modo, nascer em Tebas, ser criado em Corinto, consultar o oráculo, fugir para não matar o pai e assassiná-lo nesta fuga, matar a Esfinge, casar-se com a própria mãe; tudo isto são etapas do roteiro de uma vida previamente estabelecida e nomeada.

Por sua vez, no poema (O que é o que é?), as personagens não possuem nomes e nem destino pré-determinado. À personagem do poema não foi atribuído um destino pré-determinado, como aconteceu a Édipo. No poema, a menina terá que se esforçar até conseguir vencer os mais variados obstáculos. Dadas às suas características, ela nem precisava ter um nome, já que de longe era apontada como a “baixinha”, a “feinha” etc.

9) Em Sófocles, o acontecimento é singular (só acontece a Édipo)

x

No poema, o acontecimento é plural (pode acontecer a qualquer pessoa)

De acordo com o que está exposto no item (8), tudo que ali foi destacado, não poderia acontecer a nenhuma outra personagem. O que os deuses haviam determinado para acontecer a Édipo, verdadeiramente, não poderia acontecer a mais nenhum outro ser, aqueles fatos não seriam possíveis de ocorrer em nenhum outro lugar que não fosse na cidade de Tebas.

Por outro lado, o que acontece à menininha do poema, é um acontecimento plural, ou seja, o mesmo que se passa com ela, poderia acontecer com centenas de pessoas, já que os problemas que ela enfrenta são típicos dos seres humanos. Assim sendo, esses desafios, próprios da humanidade, precisam ser enfrentados e resolvidos, e, ainda, sem que seja perdido o desejo de ser feliz.

10) Édipo é um rei respeitado x a menina é excluída

Como em todas as histórias de reis, Édipo é um deles, por esta e outras virtudes, ele é respeitado, principalmente pelo fato de ter matado o grandioso monstro que assustava a cidade. Para seus súditos, ele estava no mesmo patamar e Hércules, Perseu e tantos outros heróis gregos. Unindo esses elementos é que mostra o modo como ele era respeitado, mesmo possuindo um destino trágico.

Por sua vez, facilmente se percebe que o poema aborda questões relacionadas ao preconceito, algo muito comum nos dias atuais. Nos diferentes ambientes sociais há sempre alguém ou grupo de pessoas que são desrespeitosas com o próximo. A menininha, quando taxada de ‘baixinha’ ou de ‘feinha’, talvez sofra com aquele tratamento, mas diante da situação, o que ela poderia fazer?

O que ela poderia fazer ela fez. Embora não esteja no texto, é possível imaginar que ela muito lutou e conseguiu realizar os seus sonhos, e um deles era tornar-se “uma grande professora”!

5. CONCLUSÃO

Na introdução desta monografia, ficou dito que meu objetivo era apresentar características do mito de Édipo, escrito por Sófocles, que fossem capazes de ser relacionadas ao poema *O que é que é*, escrito por Carvalho, (2014). A partir do que foi exposto ao longo deste trabalho, é possível perceber que a proposta inicial foi, plenamente, alcançada. Principalmente, porque a fonte teórica utilizada contribuiu para firmar a importância da intertextualidade. Sem esta ‘parceria’ de conhecimentos não seria possível demonstrar qualquer relação entre os textos mencionados.

A partir dos dados expostos ao longo dessa pesquisa, é possível destacar:

No primeiro capítulo, foram apontadas as características sobre o mito, ocasião em que ficou dito que o mito ‘pode ser entendido como a representação e reflexo de concepções da mente e das realidades que não podem ser explicadas’. De igual modo, Eliade (2010) diz que o mito ‘relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”’. E ainda, ‘o mito configura o início do mundo, relata uma história sagrada etc.’

No segundo capítulo, foi destacada a importância da intertextualidade e sua vinculação com a literatura comparada, esta prática foi muito bem usada por Aristóteles, o qual, em função do seu reconhecido saber, expõe diferentes textos e suas relações com outros textos mais antigos. Esta prática se estabeleceu ao longo do tempo. De Homero a Virgílio, destes, a Camões, Dante, Fernando Pessoa, Ariano Suassuna e tantos outros excelentes autores, até chegar nos dias de hoje, ramificando-se entre diferentes escritores, dentre eles, Carvalho (2014), com o seu texto ‘O que é o que é’. É este, que, por sua vez, fornece “material” para a produção desta monografia.

No terceiro capítulo, foi exposto o *corpus*, para que fosse possível eu desenvolver a minha pesquisa. Ali são apresentadas as características comuns e não comuns entre os dois textos selecionados para estudo. Nesta ocasião, ficou visível o que existe em comum entre o texto de Sófocles e o de Carvalho, de igual modo, também ficou evidente o que foi acrescentado, a partir da retomada do mito de Édipo, à literatura contemporânea.

No quarto capítulo, desenvolvi a análise dos dados, ocasião em que foi possível responder a minha hipótese ou a minha pergunta inicial: *um bom texto pode ser construído a partir de outro já existente?*

A resposta é sim. Desse modo, é possível destacar a importância da leitura dos clássicos, para que novas gerações de leitores tomem ciência do que já foi escrito no passado, para se construir boa literatura no presente.

6. REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, *A Poética Clássica, Aristóteles, Horácio e Longino*. Trad: Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005, 114 p.
- BARROS, Diana Luz de & FIORIN, José Luiz (Org). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidades*: em torno de Bakhtin. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2003. 96 p.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 18ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 366 p.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 45. Ed. São Paulo: Ática, 2001. 89 p.
- CARVALHO, Wandercy de. *CONTEMAS: ou cadernos de poemas de um aluno do Liceu*. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014. 187 p.
- CARVALHO, Wandercy de. *O resumo acadêmico: teoria e prática*. Goiânia, GO: Editora Espaço Acadêmico, 2015. 89 p.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010. 179 p.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. 216 p.
- KOCH, Ingedore Villaça; *Intertextualidade: Diálogos Possíveis*/Ingedore Villaça Koch, Bentes, Anna Christina, Magalhães, Mônica Cavalcante. *et al.* São Paulo: Cortez, 2007. 166 p.
- KRISTEVA, J. Introdução à semanálise. São Paulo: Perspectiva, 1969. 212 p.
- NORMA CULTA. *Intertextualidade: O que é? Quais os tipos de intertextualidade?*. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/intertextualidade-o-que-e-quais-os-tipos-de-intertextualidade/> Acesso em 31 de Julho de 2018.
- ROCHA, Everaldo. *O que é mito*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. 44 p.
- VERNANT, Pierre Jean; NAQUET, Vidal Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga II*. Trad: Bertha Halpem Gurovitz. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Trad: J. B. Mello e Souza; seleção de textos Maura Sardinha – 2º ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.